



PARAGUAI

Colorados ampliam hegemonia política

No poder nas últimas sete décadas, salvo um breve intervalo entre 2008 e 2012, agremiação elege, além do presidente, os ocupantes dos principais cargos do país — terá 14 dos 17 governadores e maioria no Senado e na Câmara dos Deputados

Os colorados saíram das urnas triunfantes, ao fim de uma campanha eleitoral marcada por acusações de corrupção contra personalidades de primeira grandeza do governo do Paraguai. Além da vitória com folga do economista Santiago Peña na corrida presidencial, o partido conservador elegeu 14 dos 17 governadores de departamentos (estados) e conquistou maioria nas duas casas do Legislativo, ampliando, assim, a hegemonia política no país.

Peña, de 44 anos, substituirá o atual presidente, Mario Abdo Benítez, a partir de 15 de agosto para um mandato de cinco anos, com uma situação bastante confortável no Congresso. O Partido Colorado obteve 23 dos 45 assentos do Senado, segundo cálculos do ABC Color com base nos dados da Transmissão de Resultados Eleitorais Preliminares (Trep) do país. Na Câmara dos Deputados, ficou com 48 das 80 cadeiras.

O analista Rubén Ramírez, da consultoria Trade and Investment Paraguay, afirmou que “a linguagem agressiva da oposição contra os candidatos colorados e a qualificação de ‘significativamente corrupto’ contra seus principais dirigentes pelo governo dos Estados Unidos acabaram por aglutinar o eleitorado, em uma manifestação mais de sentimento do que de raciocínio”.

A crescente insatisfação da população com o aumento da pobreza, bem como as falhas nos sistemas de saúde e educação, que ocuparam o centro das atenções durante a pandemia de covid-19, sinalizaram dificuldades. “Os colorados, na adversidade, sabem superar os obstáculos para se manter no poder”, disse Roberto Codas, analista político e econômico da consultoria Desarrollo Empresarial, à agência de notícias France-Presse.

O Partido Colorado, cujo nome oficial é Associação Nacional Republicana (ANR), governou o

AFP



Entre a esposa, Leticia, e o ex-presidente Horacio Cartes, Santiago Peña celebra a vitória, obtida com ampla vantagem

Paraguai durante a maior parte das últimas sete décadas, sob a ditadura e sob a democracia, com uma breve interrupção durante o governo de Fernando Lugo (2008-2012). O esquerdista sofreu um impeachment um ano antes do fim de seu mandato.

Corrupção

A campanha eleitoral deste ano ocorreu simultaneamente com as sanções dos Estados Unidos contra alguns dos mais importantes líderes colorados, como o ex-presidente Horacio Cartes (2013-2018), padrinho político de Peña. Washington classifica

Cartes como “significativamente corrupto”. O vice-presidente Hugo Velázquez também é alvo das autoridades norte-americanas.

Ao saudar a vitória de Peña, que conquistou 43% dos votos, o Departamento de Estado convidou o futuro presidente a combater a corrupção. “Esperamos trabalhar com o presidente eleito Peña e seu governo para promover os interesses comuns, como combater a corrupção e a impunidade, e promover a segurança e o crescimento econômico em benefício dos dois países”, ressaltou, em nota, Matthew Miller, porta-voz do Departamento de Estado.

Localizado no centro da América do Sul, o Paraguai é considerado um ponto de trânsito de drogas para Brasil e Argentina antes de sua saída rumo a Europa e Ásia. Em 2022, o promotor Marcelo Pecci e o prefeito José Carlos Acevedo foram assassinados, em crimes atribuídos ao narcotráfico.

Embora o país tenha uma das economias que mais crescem na América Latina — com previsão de +4,5% para o PIB em 2023, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI) —, a pobreza atinge 24,7% da população de 7,5 milhões de habitantes, que sofrem com enormes

desigualdades. Peña propôs a criação de 500 mil empregos.

A vitória de Peña também confirmou a continuidade das relações do Paraguai com Taiwan, que o opositor Efraín Alegre, candidato de uma coalizão de centro esquerda, pôs em dúvida durante a campanha. Ontem, a presidente de Taiwan, Tsai Ing-wen, cumprimentou Peña pela conquista. “Espero avidamente aprofundar as relações de longa data entre nossos países e ver o governo e o povo do Paraguai prosperar com sua liderança”, tuitou.

O presidente eleito também antecipou dias atrás que



A linguagem agressiva da oposição contra os candidatos colorados e a qualificação de ‘significativamente corrupto’ contra seus principais dirigentes pelo governo dos Estados Unidos acabaram por aglutinar o eleitorado, em uma manifestação mais de sentimento do que de raciocínio”

Rubén Ramírez,
analista da consultoria Trade and Investment Paraguay

pretende reconhecer Jerusalém como capital de Israel, ao anunciar a sua vontade de mudar novamente a sede da embaixada paraguaia para aquela cidade, uma medida que, em sintonia com Donald Trump, Cartes tinha tomado no fim de seu governo e que Abdo reverteu.

Ainda na noite de domingo, o Itamaraty cumprimentou Peña, a quem desejou sucesso em seu mandato. “Reafirmando os históricos laços de amizade entre Brasil e Paraguai e a elevada prioridade atribuída à relação bilateral, (o governo brasileiro) manifesta sua disposição de seguir aprofundando a parceria em prol do desenvolvimento econômico e social dos dois países e de toda a América do Sul”, manifestou-se o Ministério das Relações Exteriores em um comunicado.

1º DE MAIO

Na França, previdência turbinada

Por todo o mundo, multidões saíram às ruas, ontem, em manifestações pelo Dia do Trabalhador. Na França, o 1º de maio impulsionou marchas contra a reforma da Previdência em um contexto de inquietação com a inflação, que tem provocado greves e protestos em inúmeros países nos últimos meses.

“É um grande 1º de maio. Não é o fim da luta, é o protesto do mundo do trabalho contra essa reforma”, disse o líder do sindicato CFDT, Laurent Berger, durante mobilização em Paris. Como ocorre desde 16 de março, quando o presidente Emmanuel Macron decidiu adotar por decreto sua reforma que adia a idade da aposentadoria de 62 para 64 anos em 2030, os protestos registraram confrontos entre a polícia e manifestantes radicais na capital e em outras cidades.

Desde o início do conflito social, em janeiro, a segunda economia da União Europeia (UE) tornou-se o centro das atenções de centrais sindicais

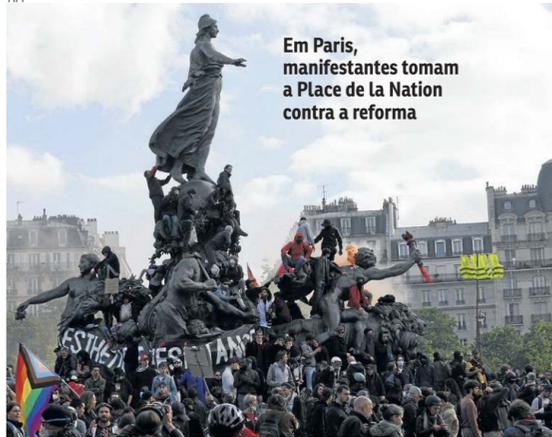
mundo afora. Ontem, representantes de Coreia, Turquia, Colômbia e Espanha, entre outros, estavam em Paris. “Não se trata de preservar as aposentadorias na França, mas em todo o mundo. As pessoas deveriam poder se aposentar dignamente”, disse David Huerta, de 56 anos, representante do sindicato americano do setor de serviços SEIU-USWW.

Os sindicatos estão decididos a prosseguir na luta contra uma mudança considerada “injusta” que, avaliam, penaliza as mulheres que interromperam suas carreiras para cuidar dos filhos e aqueles que começaram a trabalhar muito jovens.

Os protestos de ontem na França reuniram entre 782 mil e 2,3 milhões de pessoas, segundo as autoridades e o sindicato CGT, respectivamente, embora não tenham alcançado o nível de mobilização do começo de março.

A reforma da Previdência na França pôs em questão a importância do trabalho na vida

AFP



Em Paris, manifestantes tomam a Place de la Nation contra a reforma

dos cidadãos, após a pandemia de covid-19 e os confinamentos decorrentes da crise sanitária, e em plena inquietação com o aquecimento global e suas consequências. “A covid foi uma espécie de revelação e crise do trabalho, um questionamento

ético sobre o peso do mesmo”, resumiu o sociólogo Marc Lorient à rádio France Inter, em janeiro, dias depois do início dos protestos na França.

Nas manifestações de ontem, ambientalistas atiraram tinta na fachada da Fundação

Louis Vuitton e na sede do Ministério da Justiça, na célebre praça Vendôme.

A saída para a crise parece difícil. Os sindicatos esperam que o Conselho Constitucional valide amanhã um pedido da oposição de esquerda para organizar um referendo que limite a idade da aposentadoria a 62 anos, após a rejeição a uma proposta similar.

Macron, que defende a reforma como uma forma de evitar um futuro déficit no caixa previdenciário, busca, por sua vez, relançar seu segundo mandato, até 2027. Mas em suas viagens pela França é recebido com panelaços e vaias.

“Macron, demissão!”, dizia um enorme colete amarelo artesanal, que manifestantes penduraram na estátua que domina a praça da República, em Paris, de onde partiu a manifestação.

Aumento salarial

Em nível global, prevaleceram as preocupações dos

trabalhadores com a perda do poder aquisitivo, diante do aumento de preços dos alimentos e da energia, provocado pela invasão russa à Ucrânia, em fevereiro de 2022.

O Reino Unido, onde a inflação passa dos 10%, vive, por exemplo, uma onda de mobilizações sociais pedindo aumento de salários, tanto nos serviços públicos quanto no setor privado.

A mesma reivindicação foi tema de destaque nas mobilizações registradas na Europa, de Portugal à Grécia, após já ter motivado manifestações ou greves setoriais nos últimos meses em vários países, entre eles Canadá e Argentina.

“Mesmo com 5% (de aumento salarial), é complicado. Se os preços estivessem nesse nível, talvez seria possível continuar vivendo, mas subiriam muito mais”, destacou Runold Jacobskötter, um aposentado de 67 anos, durante protesto em Berlim.